



Cultura, Cidadania e Políticas Públicas 2

Alvaro Daniel Costa
(Organizador)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Alvaro Daniel Costa

(Organizador)

Cultura, Cidadania
e Políticas Públicas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Cultura, cidadania e políticas públicas 2 [recurso eletrônico] /
Organizador Alvaro Daniel Costa. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Cultura, cidadania e políticas públicas – v.2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-078-0

DOI 10.22533/at.ed.780192501

1. Educação – Brasil. 2. Cidadania. 3. Políticas públicas –
Educação. 4. Prática de ensino. 5. Professores – Formação. I. Costa,
Alvaro Daniel.

CDD 323.6

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *“Cultura , Cidadania e Políticas Públicas”* possui uma série de 84 artigos que abordam os mais variados temas nas áreas relacionadas a área de Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e Educação.

O volume I é intitulado *“cultura, políticas públicas e sociais”* e mostra a diversidade de análises científicas em assuntos que vão desde uma análise sociocultural perpassando pelas questões socioeconômicas da sociedade brasileira e latino-americana.

Já o volume II intitulado *“educação, inclusão e cidadania- práticas pedagógicas na cultura educacional”* é inteiro dedicado a área educacional, com textos de pesquisadores que falam sobre uma educação inclusiva em assuntos como autismo, formação profissional nas mais diversas áreas dentro do espectro educativo, além de uma análise sobre os impactos da reforma do ensino médio e sobre lo direito fundamental à educação.

No terceiro volume o assunto é no que tange as *“práticas educacionais, mídia e relação com as políticas públicas e cidadania”* sendo esse volume uma continuidade dos artigos da parte II com artigos que falam sobre práticas pedagógicas, além de textos que trazem sobre assuntos da área comunicacional.

A quarta e última parte é intitulada *“cultura, literatura, educação e políticas públicas- questões multidisciplinares”* e possui uma versatilidade temática que vai da área literária e novamente sobre algumas práticas pedagógicas.

A grande diversidade de artigos deste livro demonstra a importância da análise de temas que dialogam com as práticas de políticas públicas, sejam através da área educacional, comunicação ou aquelas que analisam a sociedade a partir de um viés histórico, cultural ou até mesmo econômico.

Boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DIREITO HUMANO FUNDAMENTAL À EDUCAÇÃO	
Isabela Alves Daudt	
DOI 10.22533/at.ed.7801925011	
CAPÍTULO 2	9
OS IMPACTOS DA ATUAL REFORMA DO ENSINO MÉDIO, DECRETO-LEI Nº 13.415/17, NA FORMAÇÃO DOS JOVENS DE BAIXA RENDA E MINORIAS ÉTNICAS	
Luciana Vieira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.7801925012	
CAPÍTULO 3	18
O AFRONTA VAI À ESCOLA - PROJETO AFRONTANDO SEU CONHECIMENTO	
Elias Csta de Oliveira	
Kelara Menezes da Silva	
Sérgio Marques da Silva	
Vanderson Visca Duarte	
Julio Ricardo Quevedo	
DOI 10.22533/at.ed.7801925013	
CAPÍTULO 4	26
AS CRIANÇAS E AS ARTES VISUAIS: O AUTORRETRATO E A IDENTIDADE RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Bianca Cristina da Silva Trindade	
Renato Noguera	
DOI 10.22533/at.ed.7801925014	
CAPÍTULO 5	38
CURRÍCULO AFROCENTRADO E PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: A CULTURA AFRO-BRASILEIRA DENTRO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Juliana Trajano dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7801925015	
CAPÍTULO 6	51
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS PRÁTICAS DE EXCLUSÃO E O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	
Sabrina Araujo de Almeida	
Bruno Viviani dos Santos	
Pedro Humberto Faria Campos	
DOI 10.22533/at.ed.7801925016	
CAPÍTULO 7	62
FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: UMA PESQUISA NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES- RJ	
Ana Luiza Barcelos Ribeiro	
Thamires Gomes da Silva Amaral	
Franciele Ramos da Costa Silva	
Nadir Francisca Sant'Anna	
DOI 10.22533/at.ed.7801925017	

CAPÍTULO 8	72
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E AS POLÍTICAS DE INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA REDE REGULAR DE ENSINO	
Sandra Lia de Oliveira Neves	
DOI 10.22533/at.ed.7801925018	
CAPÍTULO 9	82
PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO NA ESCOLA INCLUSIVA: SUPORTE DE ACESSIBILIDADE	
Maria Piedade Stelito Sabino Edicléa Mascarenhas Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.7801925019	
CAPÍTULO 10	85
A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO E A MEDIAÇÃO DIDÁTICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA ESCOLAR	
Rafaella César dos Santos Sousa Ana Claudia Ramos Sacramento	
DOI 10.22533/at.ed.78019250110	
CAPÍTULO 11	101
AFETIVIDADES EM WALLON E AS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL EM SÃO GONÇALO - RJ	
Lucas Salgueiro Lopes Arthur Vianna Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78019250111	
CAPÍTULO 12	119
O TRABALHO DO PROFESSOR DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS EM ESCOLAS DA BAIXADA FLUMINENSE	
Ana Paula de Carvalho Machado Pacheco Helenice Maia Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.78019250112	
CAPÍTULO 13	128
A EDUCAÇÃO ESCOLAR DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA LEGISLAÇÃO NACIONAL	
Joana da Rocha Moreira Alan Rocha Damasceno	
DOI 10.22533/at.ed.78019250113	
CAPÍTULO 14	146
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E A INSERÇÃO DA PSICOLOGIA NA INCLUSÃO ESCOLAR	
Ana Luiza Barcelos Ribeiro Andréa Leonardo de Freitas Pereira Lucy Caldeira Gobeti Bianka Pires André	
DOI 10.22533/at.ed.78019250114	

CAPÍTULO 15	154
TEMPO COMUNIDADE - ESPAÇOTEMPO POTENCIALIZADOR DE EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO CAMPO	
Francisca Marli Rodrigues de Andrade Letícia Pereira Mendes Nogueira Marcela Pereira Mendes Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.78019250115	
CAPÍTULO 16	162
REFLEXÕES SOBRE ESTUDOS E PESQUISAS NA ÁREA DA DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA	
Bárbara Braga Wepler Mário José Missaglia Junior	
DOI 10.22533/at.ed.78019250116	
CAPÍTULO 17	173
DA UNIVERSIDADE À ESCOLA: A INDUÇÃO PROFISSIONAL DE ESTAGIÁRIOS DE EDUCAÇÃO	
Vitor Alexandre Rabelo de Almeida Tatiane de Lima Bessa Vieira Elizângela Cely	
DOI 10.22533/at.ed.78019250117	
CAPÍTULO 18	182
FORMAÇÃO INICIAL DE EDUCADORES PARA A EJA: CONTRIBUIÇÕES EM UM CURSO DE PEDAGOGIA	
Jaqueline Luzia da Silva Janahina de Oliveira Batista Jussara Soares Campos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.78019250118	
CAPÍTULO 19	193
CORPO, CURRÍCULO E RESISTÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE AS CLASSES DE ACELERAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA REDE MUNICIPAL DE NITERÓI	
Samuel Barreto dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.78019250119	
CAPÍTULO 20	204
ENSINO POR PROJETOS COMO POLÍTICA PÚBLICA: ABERTURA PARA OUTROS SENTIDOS DO TRABALHO ESCOLAR?	
Mónica Rocío Barón Montaña	
DOI 10.22533/at.ed.78019250120	
CAPÍTULO 21	220
A GINÁSTICA COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL 1 E COMO POSSIBILIDADE PARA COMBATER PRECONCEITOS	
Poliane Gaspar de Cerqueira	
DOI 10.22533/at.ed.78019250121	

CAPÍTULO 22 229

MENOS ESCOLAS, MAIS CADEIAS? QUANDO UMA IMAGEM SUSCITA MAIS QUE MIL PALAVRAS

Stephane Silva de Araujo

Maria Cecilia Lorea Leite

DOI 10.22533/at.ed.78019250122

SOBRE O ORGANIZADOR..... 241

A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO E A MEDIAÇÃO DIDÁTICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA ESCOLAR

Rafaella César dos Santos Sousa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Formação de Professores – São
Departamento de Geografia – São Gonçalo – Rio
de Janeiro

Ana Claudia Ramos Sacramento

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Formação de Professores – São
Departamento de Geografia – São Gonçalo – Rio
de Janeiro

RESUMO: O presente trabalho tem como pressuposto analisar a conduta dos professores e a relação destes com o livro didático na produção do conhecimento geográfico em sala de aula. Isso porque muitas pesquisas apontam para o fato de que grande parte dos professores é dependente do livro didático e não se preocupa em mediar o conhecimento. Isso é preocupante, visto que a mediação do conhecimento é um processo importante na aprendizagem do estudante. Dessa forma, o docente necessita pensar em distintas formas de uso do material didático, além de concepções didático-pedagógicas que possibilitem a apreensão desse conhecimento. Neste sentido, tendo como objetivo a metodologia da etnografia escolar, que tem como foco observar o objeto e analisar o seu comportamento na escola, buscamos como instrumentos de pesquisa: um

questionário, respondido por 31 professores, trabalho de campo e a observação e análise da aula de dez professores da rede pública de ensino, em escolas estaduais e municipais de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. Os resultados apresentados fazem parte da pesquisa cadastrada pela UERJ intitulada “Didática e Mediação dos professores de Geografia em São Gonçalo”, do período de 2014-2018. Desta maneira, com a bibliografia levantada e o método aplicado, observamos que os professores são tradicionais e não diversificam seus métodos, tornando o livro didático como única fonte de ensino em sala de aula, o que gera um ensino geográfico maçante e enfadonho.

PALAVRAS-CHAVE: Livro Didático. Mediação. Escola. Geografia.

The present work has as presupposition to analyze the behavior of the teachers and the relation of these with the didactic book in the production of the geographical knowledge in the classroom. This is because many research points to the fact that most teachers are dependent on the textbook and do not care about mediating knowledge. This is worrying, since mediation of knowledge is an important process in student learning. Thus, the teacher needs to think about different ways of using

the didactic material, as well as didactic-pedagogical conceptions that allow the apprehension of this knowledge. In this sense, aiming at the methodology of school ethnography, which focuses on observing the object and analyzing its behavior in school, we search as research instruments: a questionnaire, answered by 31 teachers, fieldwork and the observation and analysis of the class of ten public school teachers, in state and municipal schools of São Gonçalo, metropolitan region of Rio de Janeiro. The results presented are part of the research conducted by UERJ entitled “Didactics and Mediation of Geography teachers in São Gonçalo”, from the period of 2014-2018. In this way, with the bibliography raised and the method applied, we observed that the teachers are traditional and do not diversify their methods, making the textbook as the only source of teaching in the classroom, which generates a dull and boring geographical teaching.

KEYWORDS: Didactic Book. Mediation. School. Geography.

INTRODUÇÃO

Os materiais didáticos são recursos utilizados pelos professores para mediar o conhecimento em sala de aula. Por meio deles, é possível trabalhar temas, conceitos e conteúdos de maneira a desenvolver as capacidades intelectuais dos estudantes em compreender determinadas disciplinas. Dessa forma, segundo Fiscarelli (2008, p.19), entende-se por material didático todo ou qualquer material que o professor possa utilizar em sala de aula e que permita o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes. Ainda de acordo com Zabala (1998), esses materiais permitem criar situações de aprendizagem no qual o aluno participa ativamente, e constrói seu conhecimento através de interações com os recursos e suportes.

Entretanto, uma vez que o quadro da realidade educacional brasileira seja atualmente muito difícil, tendo em vista que as escolas têm sofrido grandes problemas de infraestrutura e gestão, tanto administrativa quanto educacional; houve, nos últimos anos, uma grande precarização da escola pública, o que gerou um grande déficit de material didático para a mesma, transformando o livro didático no principal material comprado e disponibilizado para essa instituição, KANASHIRO (2008).

Ainda para a autora, o livro didático tornou-se o material mais utilizado pelos docentes, visto que há uma grande falta de materiais didáticos disponibilizados pelas escolas. Além disso, seu uso frequente está relacionado também ao sistema educacional, já que o professor tem uma longa jornada de trabalho, com diversas escolas, turmas e turnos. Com isso, a adoção desse recurso se torna um facilitador, que indica o que ensinar e como ensinar. Nesse sentido, o livro didático acaba se tornando um protagonista neste cenário, tendo em vista que por ele ser o material mais acessível, na maioria das vezes é utilizado de forma limitada, isto é, sendo colocado como fonte única de estudo.

Consequentemente, muitos professores não o exploram da maneira adequada,

utilizando-o como simples leitura e execução das atividades, acarretando aulas maçantes, uma vez que há a memorização dos conteúdos, sem um aprofundamento sobre o que é apresentado. Todavia, é relevante destacar que o problema não é o livro didático, mas a forma com que o professor desenvolve a mediação com este material. De acordo com Santos (2016), Santana Filho (2017), Tonini; Goulart (2017), a questão central é a forma como o professor desenvolve sua prática pedagógica utilizando o material como um meio e não um fim em suas aulas.

Dessa forma, a autonomia do professor é de extrema importância, pois é ele quem escolhe como os materiais didáticos influenciarão na aula. Portanto, utilizar o material da forma correta não só fortalece o processo de ensino-aprendizagem, como também propõe sugestões para desenvolver o trabalho. Sendo assim, cabe ao docente estar atento a todos os tipos de materiais existentes que possam ser úteis na realização do seu processo educativo e na análise da seleção, do uso, da avaliação e da atualização constante destes tipos de materiais.

Deste modo, considerando que o ato de ensinar está concentrado na forma como os professores pensam, organizam e entendem o contexto que os cerca, Sacramento (2012) destaca que os docentes analisem suas práticas educacionais, isto é, que comecem a se perguntar se estão de fato construindo o conhecimento, no caso geográfico, e não reproduzindo. A Geografia, uma vez entendida como um “conjunto de fenômenos geográficos que estão localizados no espaço, no qual o homem modifica sua atuação sobre estes fenômenos e sobre o meio em que vive” (Sacramento, 2012, p. 21), permite que o docente faça essa relação do espaço científico com o vivido do aluno.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar os dados da pesquisa “Didática e Mediação dos professores de Geografia em São Gonçalo”, desenvolvida no período de 2014-2018, cadastrado na UERJ, a qual se caracteriza pelo fato de entender como os professores, no processo de construção e produção do seu trabalho, buscam compreender o processo de mediação que orienta suas ações didáticas durante a aula no município de São Gonçalo. Para tanto, discorrer-se-á sobre as práticas educacionais predominantes e, principalmente, sobre as relações que se desenvolvem entre o professor, o livro didático e o aluno, com base na observação das aulas de dez professores de Geografia da rede pública de ensino do município de São Gonçalo, Rio de Janeiro (figura 1).

Dessa forma, o texto foi dividido em cinco momentos: introdução; materiais e métodos, a fim de mostrar a importância da metodologia etnográfica em pesquisas como essas; o material didático e o livro na Geografia; o papel da Didática e do livro didático na Geografia, o qual discute a importância desses dois no ensino geográfico; análise geral, o qual apresenta os resultados da pesquisa, isto é, a relação do professor, aluno e livro, e as considerações finais.

METODOLOGIA DA ETNOGRAFIA ESCOLAR NA OBSERVAÇÃO DAS AULAS

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, por isso optou-se pela etnografia escolar como metodologia de pesquisa, visto que o objetivo é analisar a escola como um todo, mostrando a influência da realidade social da mesma, assim como os seus agentes. Desta maneira, segundo André (2000), podemos trabalhar nessa abordagem com três fases importantes para a construção do processo metodológico e também necessárias para a organização da pesquisa. São elas: escolha do local da pesquisa, sistematização dos dados e, explicação e interpretação da realidade.

Na primeira fase, objetivou-se investigar as ações didáticas dos professores da rede pública de ensino da disciplina de Geografia, no município de São Gonçalo, e a forma com que estes articulam os conceitos e conteúdos ao cotidiano. Assim, observaram-se as situações de ensino-aprendizagem e de que maneira os alunos se apropriam desse conhecimento. Na segunda fase, as atividades realizadas nos colégios foram divididas em duas etapas consecutivas: na primeira, almejou-se conhecer as escolas, avaliar sua estrutura e sua funcionalidade; na segunda, acompanhar as aulas ministradas pelos professores e analisá-las a partir do roteiro de observação de cada aula durante pelo menos um bimestre. Na terceira fase, buscou-se a explicação da realidade e a compreensão de como os professores e os estudantes vivem a escola e a sala de aula e como se dá a relação destes com os materiais didáticos. Para isso, houve a interpretação do roteiro de observação das aulas, a partir das leituras realizadas sobre didática, mediação, aula e materiais didáticos para pensar o ensino de Geografia.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: 1) levantamento bibliográfico do tema; 2) análise da resposta dos questionários; 3) trabalho de campo realizado para acompanhamento de aulas dos dez professores, de modo a observar a metodologia dos mesmos em suas aulas e o modo de utilização do material didático, isto é, o livro, pelo docente; e 4) análise das aulas ministradas pelos docentes.

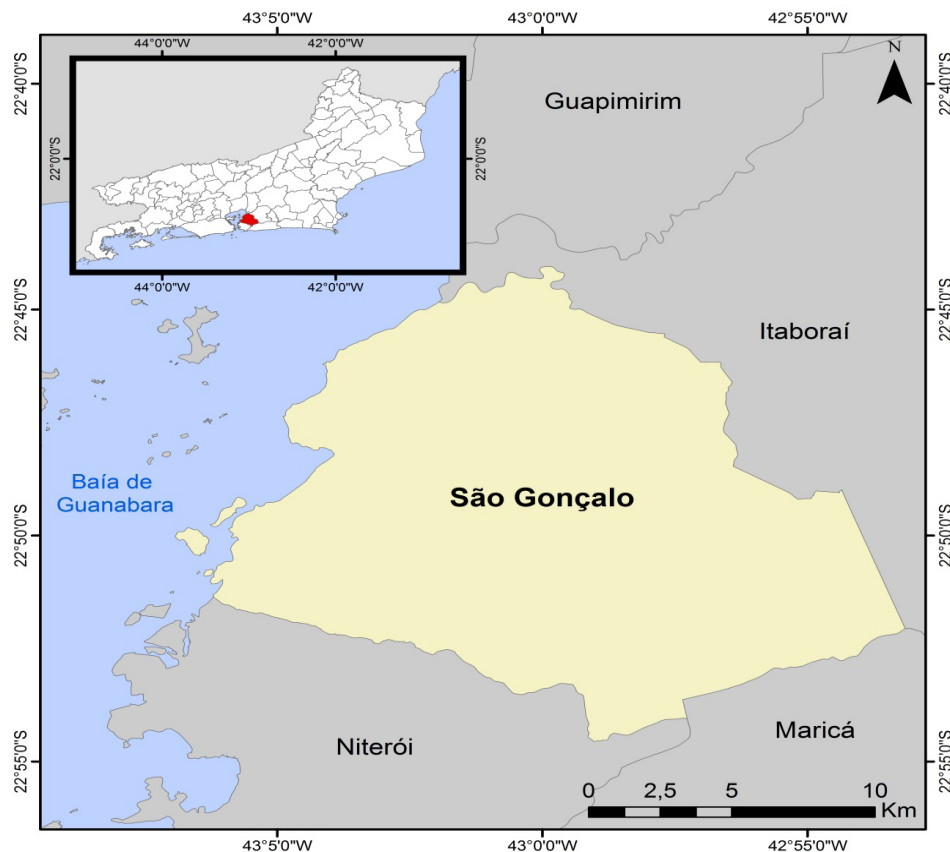


Figura 1 - Localização do Município.

Fonte: Arthur Alves Bispo dos Santos (2015)

O MATERIAL DIDÁTICO E O LIVRO NA GEOGRAFIA

Segundo Fiscarelli (2008), os materiais didáticos assumem grande importância no ensino, pois são concebidos como instrumentos possibilitadores de inovações das práticas educativas, visto que criam situações de aprendizagem em que o aluno participa ativamente.

O material é a fonte de consulta para que o aluno possa realizar o acompanhamento do conteúdo da disciplina. Dessa forma, é um recurso que se utilizado da maneira apropriada, possibilita ao aluno romper com o conhecimento pré-estabelecido, ajudando o mesmo a adquirir uma consciência crítica do ensino. Todavia, há fortes relações de poder no meio educacional que interferem totalmente na utilização destes materiais.

Nesse sentido, os materiais são de extrema importância para o ensino geográfico, uma vez que alicerçados nos saberes do professor podem proporcionar uma participação mais ativa dos alunos durante as aulas. Por isso, segundo Fiscarelli (2008), os materiais quebram o excesso de verbalismo e consolidam o assunto tratado pelo docente em sala, tornando mais fácil a aprendizagem do aluno, além de diminuir os esforços do professor; desenvolvendo, assim, uma aula interessante e prazerosa tanto para o aluno quanto para o professor.

Dessa maneira, é importante que os professores tenham cuidado com o exercício

da sua autonomia, para que não haja apenas a reprodução do conteúdo do material didático, mas sim um diálogo com o mesmo, como destacam (SANTANA FILHO, 2017; TONINI; GOULART, 2017). Ou seja, é necessário que o docente reflita sobre o material e trabalhe com ele, trazendo para os alunos os pontos positivos, e, se houver, os negativos, mostrando os erros no sentido de fazer os alunos refletirem. Assim, proporcionando uma aprendizagem de forma completa para os discentes. Dado isto, mesmo existindo diversos recursos e materiais que podem ser utilizados, o livro didático é, ainda hoje, o material mais usado, porque basicamente todas as escolas o recebem, tornando-se, de certa forma, o material referencial das aulas. Isso ocorre devido às grandes influências do capital no livro.

Segundo Kanashiro, isto ocorre porque “o livro é visto como mercadoria, um grande negócio do mundo editorial, pautado na lógica do sistema capitalista de produção, com finalidade de lucro. É um produto da indústria cultural, padronizado e pausterizado, com valor de uso e troca” (KANASHIRO, 2008, p. 9). Dessa forma, por ser o maior comprador, o Estado se torna um grande consumidor do livro, e assim atua não apenas na dimensão política, mas também como um agente que define as coordenadas da economia do livro. Ou seja, ele fixa o volume e o ritmo de produção, estabelecendo um controle e normatização.

Dessa maneira, de acordo com Sposito (2006), o livro didático no Brasil exerce, ao longo dos últimos anos, papel ativo no processo de ensino-aprendizagem, principalmente ligado às Políticas Públicas Brasileiras; como no caso do PNLD (Plano Nacional de Livro Didático), que possui grande relevância na construção do conhecimento, visto que tem como objetivo principal distribuir coleções de livros didáticos aos estudantes da rede básica. E, é importante destacar que este é o maior programa de livros didáticos do mundo, devido ao grande volume de investimentos realizados nos últimos anos (KANASHIRO, 2008; SANTANA FILHO, 2017).

A partir disso, faz-se necessário discorrer um pouco sobre o PNLD, isto é, sua política e como ocorre o processo para chegar até as escolas. Nesse sentido, para discorrer sobre o assunto, utilizaremos Kanashiro (2008) e Santana Filho (2017), que em sua obra destaca o PNLD e enfatiza suas vertentes. Para a autora, o plano admite, basicamente, duas formas de execução: centralizada, em que as ações estão a cargo do FNDE e, a descentralizada, cujas ações são desenvolvidas pelas unidades de Federação. Deste modo, o FNDE repassa recursos financeiros à Secretaria de Educação de São Paulo, que se responsabiliza pela execução do programa.

Nesse sentido, cria-se um edital que estabelece regras para a inscrição do livro didático no programa. Esse documento determina o prazo para apresentação das obras pelas editoras e todos os procedimentos e etapas do processo de aquisição e distribuição. Segundo Santana Filho, “o edital é, portanto, um instrumento regulador e orientador das declarações e abordagens assumidas pelos autores de Livros Didáticos na sua relação com o público que utiliza seus livros” (2017, p. 247). Em seguida, as obras são encaminhadas à SEB/MEC para avaliação pedagógica, segundo os critérios

do edital. Esses especialistas realizam resenhas dos livros aprovados, que passam a compor o Guia de Livros Didáticos.

Após este processo, diretores e professores das escolas preenchem o pedido de compra através de formulários em sites ou impressos. Após a compilação dos dados, o FNDE negocia com as editoras, e a distribuição dos livros é feita diretamente pelas editoras às escolas por meio de um contrato entre a FNDE e a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (KANASHIRO, 2008). Segundo Castellar; Vilhena (2010), o cotidiano escolar nos revela que o livro didático é um instrumento de ação constante, e que ainda encontramos muitos professores que o transformam em um mero compêndio de informações, ou seja, utilizam-no como um fim, e não como um meio, no processo de aprendizagem.

Desta forma, o livro didático deve ser utilizado pelo professor para atender aos objetivos estabelecidos em seu plano de trabalho e, conseqüentemente, para ajudar na aprendizagem do estudante. Todavia, o livro apenas se torna instrumento eficiente se o docente fizer uma escolha e uma utilização adequadas. Isso porque o livro didático tem a sua importância condicionada ao uso que o docente faz dele.

Dessa maneira, de acordo com as necessidades de aprendizagem, cabe ao docente adaptar o livro da melhor maneira possível conforme o tipo de atividade, tendo em vista que enquanto algumas não precisarão deste material, outras vão necessitar do seu uso total. Em conteúdos exclusivamente conceituais, por exemplo, o apoio do livro é de suma importância, pois ajuda o professor a desenvolver a aula, e os alunos a estudar, visto que nas fases de memorização, ter um material em consonância com os conteúdos do tema se torna essencial para o estudo do aluno ZABALA (1998).

Assim, o docente deve encaminhar o uso do livro para as atividades de fixação e sistematização do conteúdo, ou seja, deve utilizá-lo como um material de consulta, um recurso de apoio para suas aulas. Para tanto, deve acompanhar também seu estudo, pois este sozinho não garante a aprendizagem dos discentes. Nesse sentido, o professor pode fazer diferentes usos do livro de acordo com as atividades a serem desenvolvidas em sala de aula. E no ensino de Geografia isso não é diferente, pois o professor pode e deve utilizar este recurso de diversas formas.

Segundo Sacramento (2012), dependendo do profissional e do momento propício, vários recursos podem ser utilizados, e no caso da Geografia: mapas, globos, Atlas e imagens, visto que a disciplina tem, a priori, a localização como um dos elementos de estudo. Desta forma, o conhecimento geográfico torna-se um instrumento de grande importância na vida do aluno, pois leva o mesmo a uma autoconstrução de sua autonomia como ser pensante, e que se manifesta, podendo assim refletir com criatividade e criticidade (RUA, 1998).

Além de utilizar o livro para estas atividades, é importante também que o professor analise o livro, trabalhando o sentido crítico com os alunos, pois de acordo com Tavares; Cunha (2011), nos livros didáticos normalmente estão presentes os conteúdos de ensino, conhecimentos que retratam a vida da sociedade de forma superficial, isto é,

focalizando somente a aparência, o que, vale ressaltar, interessa à classe dominante que mantém seu poder. Por isso, Tonini; Goulart (2017) chamam a atenção para o ato de potencializar o uso do livro didático a partir das temáticas propostas por ele, de modo que o professor busque desenvolver outras alternativas de apoio e elabore atividades que promovam a construção do conhecimento geográfico.

Destarte, é importante também que o docente discuta isso com seus alunos, porque no geral eles já possuem conceitos formulados a respeito das coisas, e nesse contexto, é papel da escola e de seus agentes reformulá-los de senso comum para conceitos científicos. Para isso, é essencial a capacidade de argumentação, que depende das informações e principalmente da capacidade do professor e do aluno em poder refletir sobre o que o livro didático traz na sua concepção de Geografia (TAVARES; CUNHA 2011).

Assim, entende-se que a função do livro didático é muito mais ampla do que aquela a que estamos acostumados a observar nas salas de aula: a leitura e/ou a cópia sem questionamentos e discussões das temáticas propostas nele. Portanto, seu uso deveria ser um ponto de apoio da aula para que o professor pudesse, a partir dele, ampliar os conteúdos, acrescentando outros textos e atividades.

Desse modo, o livro didático é extremamente importante no ensino de Geografia, visto que se utilizado da forma correta pelos professores, proporciona conhecimento para os alunos e aguça seu sentido como cidadão e ser pensante. Para tanto, o docente deve estimular a leitura, a pesquisa e discutir com os discentes os conteúdos, possibilitando novas leituras da realidade.

O PAPEL DA DIDÁTICA E DO LIVRO DIDÁTICO NA GEOGRAFIA

O professor precisa analisar sua didática cuidadosamente para realizar a mediação do conhecimento, visto que desde os primórdios sabe-se que a base para o conhecimento se alicerça nos saberes didáticos deste. Assim, considerando que a didática é “uma seção ou ramo da Pedagogia que se refere aos conteúdos do ensino e aos processos próprios para a construção do conhecimento” (DALBERIO; DALBERIO, 2010, p. 2), o docente deve utilizá-la no sentido de sempre tentar romper as barreiras que são abordadas no trabalho. Isto é, para formar cidadãos críticos e capazes de se verem também como autores da sua aprendizagem.

Portanto, é por meio de suas orientações que o professor pode aguçar os alunos a refletirem criticamente e a se colocarem como sujeitos de sua própria aprendizagem. Para isso, é de extrema importância o enfoque social na aprendizagem da criança, pois é problematizando os aspectos sociais, um dos elementos da mediação, que o conhecimento começa a ser construído individualmente e socializado por meio da mediação do professor, que intervém nos saberes. Dessa forma, a comunicação é um fator relevante neste processo.

Além disso, é importante também a busca por integrar a cultura dos alunos

ao ensino, visto que cada um deles carrega um conjunto de experiências sociais vivenciadas em diferentes espaços. Logo, para compreendê-los, precisamos considerar a dimensão da experiência vivida, isto é, os seus conjuntos de crenças, valores, visão de mundo, entre outros, que acabam por elaborar uma cultura própria pelo qual sentem e atribuem sentido e significado ao mundo e à realidade onde se inserem (DAYRELL, 1996).

Dessa maneira, o interesse pelo conhecimento vem no momento em que a aprendizagem se torna significativa para o aluno, ou seja, quando se estabelece relações substantivas e não arbitrárias entre o que se aprende e o que já se conhece. Como consequência, o docente acaba por ter uma intencionalidade que o ajudará na escolha de uma metodologia que se adeque ao atendimento dos objetivos, dos conteúdos e das necessidades dos alunos (DALBÉRIO; DALBÉRIO, 2010).

Nesse sentido, preocupar-se com a didática é importante no sentido de mediar o ensino, uma vez que a Geografia se diferencia das outras disciplinas devido à especificidade de seus conteúdos, que abordam a dimensão espacial dos fenômenos. Assim, o seu ensino deve ser pensado na perspectiva de fazer o aluno reconhecer, analisar e refletir sobre sua realidade, tendo como sentido básico, educar esse aluno geograficamente (SACRAMENTO, 2012). Em consonância com a autora supracitada, Santana Filho (2006) afirma que é um ensino carregado de intencionalidade, é prática cultural e política que não tem argumentos para a neutralidade e não pode ser produto do acaso ou do improvisado.

Mediar o conhecimento possibilita desenvolver no estudante a capacidade de refletir sobre os conceitos, conteúdos e temas da Geografia, o qual é articulado com as diferentes escalas de análises, sendo a local ainda um desafio a ser realizado. Pode-se dizer que a utilização de diferentes estratégias de mediação do conhecimento geográfico na Geografia pode se tornar importante para os alunos, pois os mesmos percebem que são parte integrante e transformadora de sua realidade.

Dessa forma, segundo Sacramento (2012), o trabalho do professor de Geografia é pensar e utilizar uma ampla variedade de materiais que permitam planejar boas situações didáticas; isto é, criar situações que possibilitem aos alunos progredir em suas aprendizagens sobre o mundo e sua própria vida, nas diferentes paisagens que compõem esse mundo.

Dado isto, o livro didático necessita ser utilizado no sentido de mediar o ensino geográfico, anulando a ideologia dominante exposta na maioria dos livros e direcionar o ensino com base em leituras e interpretações críticas da realidade social. Nesse contexto, a utilização do método dialético se mostra extremamente importante como método de análise crítica das transformações na sociedade; já que é um método que descortina as visões do espaço geográfico inserido pelo livro didático ou por qualquer outro instrumento metodológico que o docente utilize (SANTOS, 2016; TONINI; GOULART, 2017).

Assim, de acordo com Rua (1998), mesmo que a escola seja um dos locais onde

mais se manifestem as contradições da sociedade e que reproduzem essas ideologias burguesas, ela é também o local onde, através da Geografia, pode-se questionar isso e buscar a construção de um cidadão novo e crítico. Ou seja, ela pode também contestar a heteronomia dominante.

Desta forma, o docente ao utilizar o livro didático deve ter como objetivo possibilitar aos alunos uma análise, aguçando neles uma reflexão crítica e a construção do seu conhecimento acerca de determinados conceitos e temas. Portanto, é possível trabalhar, por exemplo, com o direito à autonomia através do livro didático sem haver a sensação de ser bloqueado por ele, como ocorre com muitos professores.

Assim, apesar das dificuldades enfrentadas pela escola, ela, assim como os agentes, possui um papel: fazer a diferença na sociedade. Dessa forma, as estratégias de ensino devem ser variadas no sentido de superar a transmissão mecânica do conhecimento, por intermédio da aula tipicamente expositiva, da cópia, da decoreba e do uso de instrumentos de verificação memorativa (DALBÉRIO; DALBÉRIO, 2010). Logo, os docentes devem superar essas ações tradicionais e buscar outros métodos que comportem a ação do aluno, integrando-os à construção do conhecimento.

ANÁLISE GERAL: RELAÇÃO PROFESSOR, ALUNO E LIVRO DIDÁTICO

Entender a relação entre os discentes e docentes é de suma importância para pesquisas como esta, visto que é um fator extremamente relevante no processo de ensino-aprendizagem, pois facilita a construção e mediação do conhecimento. Ou seja, quando os professores possibilitam que os alunos se expressem e participem da aula, isso torna a sua ação um ato consciente, porque permite que os mesmos também dialoguem com eles (SACRAMENTO, 2012).

A importância de se trabalhar com o livro didático está na mediação realizada pelo professor na busca por articular os conhecimentos com o auxílio do material, que traz texto-base, mapas, gráficos, tabelas, desenhos, figuras, exercícios, dica de leitura de livros, de filmes e outros. Então, este material é parte do trabalho pedagógico docente, todavia, ele não deve ser o essencial ou o guia das aulas.

Apesar de não ser uma temática de discussão inédita, ela ainda é pertinente, pois ao analisar a mediação didática dos professores, percebemos que este material ainda é o predominante na sala de aula. Por isso, desde 2014 este projeto de pesquisa busca acompanhar e analisar o processo de mediação do conhecimento geográfico em sala de aula, com o objetivo de compreender como ocorre essa dinâmica. Ao longo deste tempo, observamos vários aspectos de pensar a aula e sua mediação. Uma delas está na relação com o livro didático.

Para isso, desenvolvemos um questionário com 13 (treze) perguntas sobre o material didático a fim de entender quais são os mais importantes, os recursos existentes nas escolas, os mais utilizados e o por quê. Aquele foi respondido por 31 (trinta e um) professores da rede pública (estadual e municipal) de São Gonçalo,

no período de 2014 a 2016. Para recorte do objeto foram analisadas as aulas de 10 professores de Geografia por cada semestre: quatro professores (dois em cada semestre) em 2014, quatro em 2015 (dois em cada semestre) e dois (dois em um semestre) em 2016.

Para este texto, vamos nos utilizar de três perguntas: a) a importância desse recurso; b) o recurso essencial para a aula de geografia e c) a forma de utilização desse recurso. Sobre a primeira questão (Gráfico 1), buscamos compreender a importância do livro didático para os professores, considerando que todos alegaram ter o recurso em sala de aula. Foi possível constatar que 39% consideram o livro eficiente, sendo 25% os que o consideram incompleto. Uma minoria considera os livros didáticos um péssimo recurso.

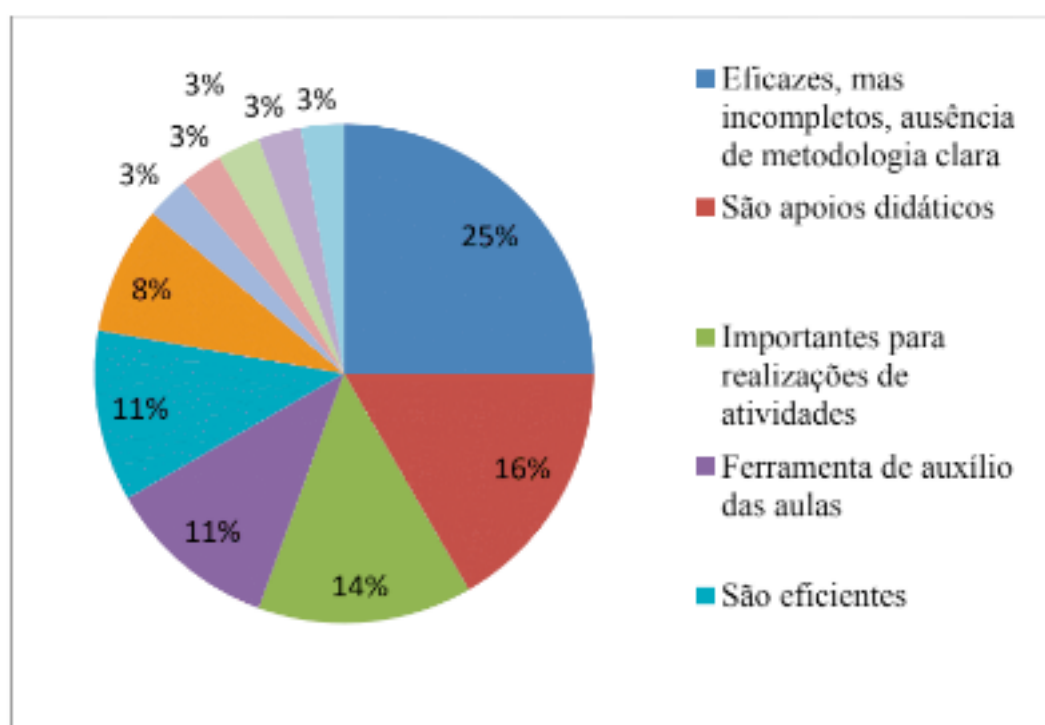


Gráfico 1- Importância do livro didático na sala de aula

Fonte: SACRAMENTO, 2016.

Grande parte dos professores considera o livro didático um material importante para a realização de uma aula, uma vez que dá suporte à mesma, seja por meio dos exercícios ou pela leitura. No entanto, esse material deve ser utilizado como um apoio e não como um fim em si mesmo, pois o livro didático não é completo, cabendo ao professor complementá-lo. Assim, o que foi observado nas aulas desses dez professores é que o livro se torna um elemento-chave na didática docente, sendo para a maioria, ou seja, 60%, o único recurso utilizado.

Sobre a segunda questão, almejava-se compreender se o professor pensa em recursos que não poderia deixar de utilizar em suas aulas e o por quê da escolha. Ao observar o gráfico 2, analisamos que 25% optaram pelo livro didático. De acordo com

as opiniões dos professores, o livro didático é um material de apoio comum aos alunos e uma ferramenta de auxílio que pode se transformar em um estímulo à aprendizagem, na qual o aluno é desafiado a questionar, raciocinar e buscar soluções.

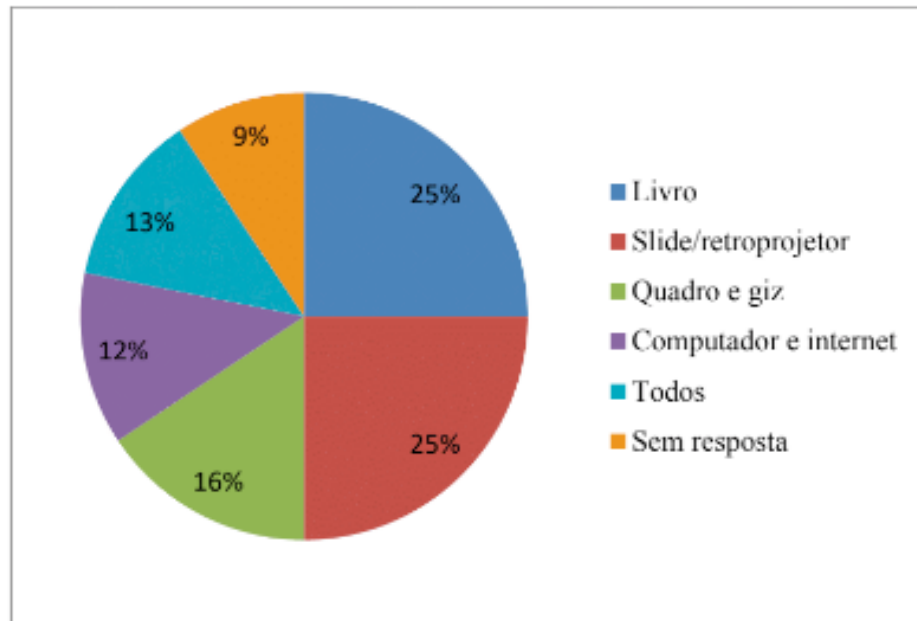


Gráfico 2 - Recursos didáticos essenciais nas aulas de geografia

Fonte: SACRAMENTO, 2016.

Em seguida, com o mesmo percentual de 25%, os professores opinaram em relação ao uso de slides/retroprojektor; os quais, segundo aqueles, destacam a possibilidade de projetar mapas, imagens, fotos e outros, o que facilita o processo de construção do conhecimento do estudante. Além disso, percebemos que o giz e o quadro continuam sendo também recursos básicos para os docentes, assim como todos os materiais, os quais aparecem em 12%, ou seja, 4 professores.

Esta parte da pesquisa mostra que o livro, os slides, o quadro e giz são de fato os recursos mais utilizados pelos professores nas escolas pesquisadas. Todos eles aparecem na organização escolar dos 31 (trinta e um) professores: data-show, biblioteca com os livros didáticos e salas com quadro branco ou quadro verde, que apesar de forma precária, são os únicos disponíveis para o trabalho docente.

A terceira questão foi necessária para compreendermos se as respostas correspondem com as práticas realizadas no cotidiano. Tal como mostra o gráfico 3, há professores que utilizam o livro para leitura complementar (29% desses), exercícios (23%) e uma outra parte para atividades e 16% não utilizam (porque não gostam do mesmo):

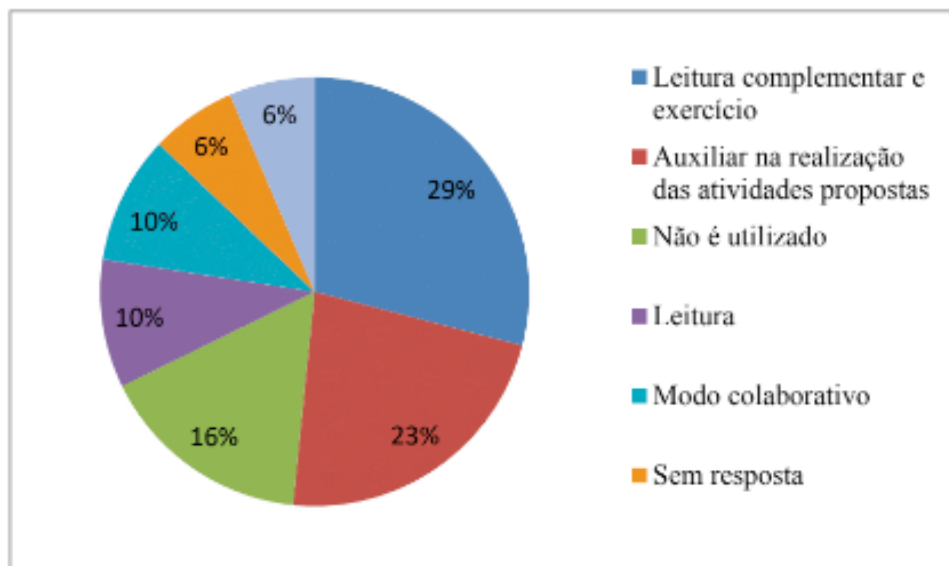


Gráfico 3 - Forma de utilização do livro didático

Fonte: SACRAMENTO, 2016.

Analisando as respostas, percebemos que o livro didático não é utilizado de forma exaustiva, embora nem todas as escolas disponham de recursos didáticos diversificados. Vemos também que os professores, em sua maioria, utilizam o livro didático como um material de apoio para suas aulas, sendo usados para a realização dos exercícios e atividades propostas e como instrumento de leitura. Dentro dessa pesquisa, 3 professores alegam não recorrer aos livros didáticos.

Assim, constatamos que do ponto de vista didático a utilização do livro se caracteriza como um auxílio para a aula, e não como o norteador dela. Contudo, ao observar as aulas dos 10 professores, percebemos que o livro didático é o guia das aulas, ou seja, a aula, de certa maneira, é conduzida pelos conteúdos e conceitos organizados no livro didático e, portanto, os docentes utilizam de todos os recursos que este material possui.

Analisamos ainda a forma como esses professores organizam suas aulas: a) apresentação do tema - muitos escrevem no quadro ou falam o conteúdo tratado naquela aula; b) resumo do texto no quadro – pequeno resumo descrito ou em tópicos dos conteúdos trabalhados; c) livro didático e explicação do tema – às vezes leitura do texto, de seus mapas, gráficos, imagens em outros momentos, explicação da página específica; d) exercício do livro didático – execução das atividades e correção geral no quadro.

Após observarmos estes pontos, concluímos que os dez docentes utilizaram o livro na perspectiva tradicional, isto é, como forma de memorização não reflexiva, em que o conteúdo é apresentado aos alunos como verdade absoluta e inquestionável, em que não há diálogo crítico sobre as questões apresentadas. Destarte, a leitura do texto, quando feita, é sem perguntas ou questionamentos dos estudantes sobre alguma dúvida ou questão relacionada aos conteúdos geográficos.

Dessa forma, de acordo com Rua (1998), esses professores trazem para suas

aulas uma forma de organização do seu trabalho baseado no livro didático que acaba sendo colocado como o único instrumento de trabalho, e principal recurso das relações com os alunos; e assim, aula se torna um local de conformismo para grande parte daqueles.

Pensar o ensino de Geografia seria criar condições de formar uma consciência espacial cidadã, em que o aluno aprende a fazer a leitura do mundo por meios das diferentes categorias de análises, de modo que eles compreendam como os objetos e os fenômenos se encontram organizados no espaço. A partir disso, ele pode ter consciência sobre como a sociedade se utiliza da natureza para criar objetos ou recriá-los para fins econômicos.

Castellar; Vilhena (2010) comentam que o Ensino de Geografia, por meio da uma educação geográfica, tem como objetivo analisar as interações que a sociedade busca e estuda para controlar e modificar a natureza, como forma de articular as ações realizadas neste espaço entre diferentes períodos, uma vez que as contextualizações são importantes para fazer com que o aluno entenda as diversas contradições existentes em cada cultura e, que esta vai estabelecer uma diferenciação espacial e da percepção dos lugares.

A discussão pautada aqui se refere não somente ao uso ou não do livro, mas como o processo didático da disciplina de Geografia acontece. Destarte, compreendemos que a didática tradicional é a concepção mais desenvolvida pelos professores, que trabalham sem metodologias diferentes, visto que o observado nas aulas é justamente a falta de diversificação do seu uso, do ponto de vista didático.

A preocupação presente é compreender ainda porque as aulas são pautadas somente no livro didático para os dez professores observados. As evidências apontam para: a) falta de formação continuada; b) falta de recursos na escola; c) o excesso de aulas dos professores em diferentes escolas; d) falta de compreensão de várias concepções metodológicas.

Assim, é possível perceber que as aulas se tornam mais tradicionais, pois elas estão, para esses professores, fundamentadas no livro didático, em que em várias aulas assistidas, muitas das vezes, não havia uma leitura crítica, contextualizada, reflexiva sobre os conceitos e conteúdos básicos da Geografia. Essas concepções não agregam aquilo que defende Santana Filho (2006), uma disciplina que privilegie a construção da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, concluímos que os professores de Geografia analisados, assim como suas aulas, são tradicionais e ainda muito dependentes do livro didático. Dentre os docentes estudados, nenhum realiza métodos distintos dos convencionais, além de dependerem totalmente do livro didático para conduzir sua aula. Logo, fazendo uma aula de Geografia, que poderia se tornar muito importante na vida dos alunos,

apenas uma aula maçante e desinteressante baseada em textos e memorização.

Desta forma, compreende-se, no caso das aulas analisadas, o quanto os professores ainda estão aprisionados pelo cotidiano ao livro didático, não trazendo outros materiais didáticos para a construção do conhecimento com seus estudantes. Nesse sentido, aqueles necessitam compreender a dimensão política dos seus atos, como educadores, ou seja, é preciso aguçar os sentidos dos alunos, a fim de transformar a realidade, visto que novos indivíduos pensantes podem interferir na realidade.

Portanto, devido aos seus conteúdos a Geografia se torna um instrumento fundamental neste processo, isto é, entender a globalização e seus processos (a separação, exclusão e fragmentação) é de suma importância na atualidade, uma vez que compreendemos tudo o que está acontecendo no mundo nos dias de hoje. Em suma, a proposta desse trabalho é evidenciar que nós, professores de Geografia, precisamos buscar outros métodos de ensino, principalmente os conectados ao livro didático, pois, métodos tradicionais como vistos nessa pesquisa, claramente não constroem o conhecimento.

Assim, segundo Sacramento (2012), Tonini; Goulart (2017), os docentes poderiam buscar realizar a mediação do conhecimento, pois além de deixar as aulas mais atraentes e interessantes, acentuam a percepção do educando, apontando interpretações mais críticas sobre a realidade em termos de multiplicidade de informações.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2000.

CASTELLAR, Sonia; MORAES, Jerusa Vilhena. **Ensino de Geografia**. Porto Alegre: Thompson, 2010.

DALBERIO, Maria Célia Borges; DALBERIO, Osvaldo. *A formação docente: a mediação da didática para um ensino de melhor qualidade*. In: **Revista Iberoamericana de Educación/Revista Iberoamericana de Educação**, 2010, n. 51/5, p.1-11. Disponível em: <<http://rieoei.org/3246.htm>> Acesso em: 20 mar. 2017.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996, p. 136-161.

FISCARELLI, Rosilene. **Material didático: discursos e saberes**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2008.

KANASHIRO, Cintia Shukusawa. **Livro didático de geografia – PNLD, materialidade e uso na sala de aula**. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. 163p.

RUA, João. O professor, o livro didático e a realidade vivida pelo aluno como recursos para o ensino de Geografia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, 24, p. 87-96, mai., 1998. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39129>> Acesso em: 27 mar. 2017.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. **A consciência e a mediação: um estudo sobre as didáticas contemporâneas dos professores de geografia da rede pública de São Paulo e do Rio de Janeiro**. 325f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Física. 2012.

SANTANA FILHO, Manoel Martins. **A educação geográfica na escola: elementos para exercício desafiante da cidadania**. Tamoios: Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 2006, p. 1-9. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/613/645>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

SANTANA FILHO, Manoel Martins. Sobre o Livro Didático de Geografia e os dilemas na prática docente. In: TONINI, Ivaine Maria et al. **O Livro Didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. Porto Alegre: Sulina, 2017, p. 239-258.

SANTOS, Fábio Ferreira. *O professor e livro didático: implicações metodológicas na prática de ensino em geografia*. Universidade Federal de Paraíba. In: Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional. 2016, v. 9, n. 1, não paginado. **Anais...** Disponível em: <<http://www.ufpb.br/revista/2363/1300>> Acesso em; 27 mar. 2017.

SPOSITO, Eliseu Savério. O livro didático de Geografia: necessidade ou dependência? Análise da avaliação das coleções didáticas para o Ensino Fundamental. In: SPOSITO, Maria Encarnação B. **Livros didáticos de Geografia e História: avaliação e pesquisa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006, p. 55-72.

TAVARES, Daniel Alves; CUNHA, Jacksilene Santana. O livro didático e o ensino de geografia: algumas reflexões. In: V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade” **Anais...** 2011, São Cristóvão, não paginado. Disponível em: <<http://educonse.com.br/2011/cdroom/eixo%205/PDF/Microsoft%20Word%20-%20O%20LIVRO%20DIDaTICO%20E%20O%20ENSINO%20DE%20GEOGRAFIA.pdf>> Acesso em: 27 mar. 2017.

TONINI, Ivaine Maria; GOULART, Lígia Beatriz. Desafios para potencializar o Livro Didático de Geografia. **O Livro Didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. Porto Alegre: Sulina, 2017, p. 259-271.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução de: Ernani F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-078-0

